

# DE SUJEITOS E IDENTIDADES DIÁLOGOS ENTRE CIÊNCIAS HUMANAS E PSICANÁLISE

MARA COELHO DE SOUZA LAGO



A psicologia se elabora como um campo disciplinar ao tempo em que se organiza o conjunto das ciências humanas, numa divisão entre as sociais, que tratam das sociedades e das culturas, e a ciência psicológica<sup>1</sup> cujo objeto é o indivíduo – esta unidade indivisível, célula da sociedade. Muitas teorias, no campo das ciências sociais (e psicológicas), têm tratado de estudar este ponto de encontro e separação indivíduo/sociedade. Parece que o que os paradigmas separaram é difícil reunir – e muitas destas tentativas não fazem mais do que aprofundar o sulco que divide, nos saberes acadêmicos e de senso comum, indivíduo e sociedade.

Como então repensar a (re)articulação indivíduo/sociedade?

Sabemos, porque somos seres introspectivos<sup>2</sup>, que somos divididos, ambivalentes, assaltados por desejos, interesses, emoções, pensamentos, vontades... contraditórios, muitas vezes em oposição, conflitivos. Seres que precisam fazer escolhas (sempre conscientes?).

Se somos isso, o que somos: indivíduos, pessoas<sup>3</sup>, sujeitos<sup>4</sup>?

Foucault, em *As palavras e as coisas* (1999), quando analisa a emergência e o lugar das ciências humanas no campo epistêmico, destaca a etnologia e a psicanálise como “contra-ciências”, que introduzem uma nova categoria no pensar dos homens sobre si próprios: o *inconsciente* – categoria que vai descentrar as noções sobre as quais este saber se estruturou – verdade, vontade, razão, a própria concepção de indivíduo e seu lugar na sociedade. Estas categorias serão abaladas pela nova concepção de constituição de sujeito, que a noção de inconsciente introduz.

É diferente pensar-se enquanto indivíduo consciente, dono de sua própria vontade, plenamente responsável por suas ações, motivações, expectativas, que pensar-se enquanto sujeito do inconsciente, um sujeito que, falando de um saber consciente, não sabe de si. Não mais um indivíduo (uno, indivisível) mas um sujeito dividido, em saberes conscientes e inconscientes, em instâncias psíquicas (Id, Eu, Supereu). Esta con-

200

cepção rouba do sujeito a noção de livre-arbítrio e questiona todo um saber anterior sobre ele, como indivíduo contraposto à sociedade e à natureza (entre a sociedade e a sua natureza biológica). Não são mais as determinações biológicas que explicam o humano. Não mais existe "o homem" como categoria universal (subsumida nela uma "mulher" universal).

As ciências humanas (sempre sociais) interessam os sujeitos que se constituem sujeitos psíquicos falantes em sociedades historicizadas. O sujeito é um sujeito assujeitado. Contrário ao cogito de Descartes, é sujeito onde não sabe de si, que emerge e surpreende a si mesmo na enunciação de seu discurso. Sujeito que, no ensino de Lacan, constitui-se sobre as mesmas leis que comandam as formações do inconsciente – as leis da linguagem (condensação e deslocamento/metáfora e metonímia). Esse sujeito é falado, significado pelo Outro, antes mesmo de se constituir como sujeito. "É pois no campo do outro, morada do significante, que o sujeito se constitui, como efeito da ação da linguagem sobre o vivente. Há uma anterioridade do Outro em relação ao sujeito. Pois a linguagem é uma estrutura cujos significantes se articulam num jogo combinatório pré-subjetivo." (RIAVIZ, 1998, p. 152).

Sujeito do inconsciente, constituído no campo do Outro (LACAN, 1998), como sujeito dividido, barrado, sujeito da enunciação, transitório. O sujeito da psicanálise é o sujeito da falta, desejante, pulsional, que se constitui, conforme Lacan, em dupla operação de causação: alienação e separação.

Com alienação e separação, as operações de causação do sujeito, temos dois campos demarcados, diferenciados: do lado da primeira, o significante, o sujeito do inconsciente, a falta-em-ser; do lado da segunda, a pulsão, o gozo, a recuperação de ser (...). Podemos dizer, segundo Millet que o problema teórico de Lacan sempre esteve relacionado a como introduzir o que é da ordem da pulsão, do libidinal, do gozo, no campo das palavras, onde a presença do significante produz mortificação, perda de gozo (RIAVIZ, 2000, p.1).

Nesta e em outras concepções psicológicas de constituição semiótica de sujeito, o sócio-cultural não está fora de um indivíduo que se *socializa* à medida que *internaliza* as influências externas. Os conceitos de *socialização* e *internalização* são postos em cheque, já que o movimento é contrário: a cultura <sup>a linguagem</sup> (a dimensão social), não é algo que se acrescenta ao indivíduo, mas algo que o antecede e o constitui enquanto sujeito, com suas particularidades, na história de suas relações – suas *identificações*. Estamos falando de um organismo que nasce em contexto social, histórico, imerso na cultura e que, no seu desamparo, se não for cuidado por outros, não sobreviverá. No processo de maturação, pela identificação aos outros, também constituídos nos significantes culturais, vai se individualizando, constituindo-se como *sujeito* singular, com uma história de vida, numa sociedade histórica.

Identificação é um dos conceitos polissêmicos e fundamentais da psicanálise. De acordo com Juan Nasio (1991), Freud e Lacan subvertem o conceito de identificação na forma como é utilizado nas ciências sociais, como interação interpessoal. Para Freud, em cuja obra se diferenciam várias formas de identificação, esta se produz "...no espaço psíquico de um único e mesmo indivíduo (...). As relações intersubjetivas são substitu-

ídas por relações intrapsíquicas, sendo a identificação (...) um processo de transformação efetuado no próprio seio do aparelho psíquico (...) no campo do inconsciente" (NASIO, 1991, p. 110).

O desafio de Lacan ao conceito de identificação é ainda mais radical, de acordo com Nasio: "Para Lacan, a identificação é o nome que serve para designar o nascimento de uma nova instância psíquica, a produção de um novo sujeito" (ibid., p. 101). Assim, não apenas a identificação é inconsciente em Lacan, como o conceito é utilizado por ele para dar nome aos processos psíquicos de causação do sujeito do inconsciente (identificação simbólica) e da construção do eu (identificação imaginária). Um sujeito que se posiciona no *continuum* freudiano de identificações em que se soluciona o complexo de Édipo (FREUD, 1923) ao lado da feminilidade ou da masculinidade, cujos padrões são definidos culturalmente nas sociedades. Posições do sujeito, um sujeito marcado pela transitoriedade (FINK, 1998).

Passando do *registro do Simbólico*, onde se constitui o sujeito, para o *registro do Imaginário*, podemos falar em construção subjetiva de um arcabouço consciente.

Construção – processo (inconsciente) de arquetetar, como representação consciente do eu, uma identidade imaginária do ego – a história de vida, a representação do sujeito, para si e para os outros.

Buscando refletir sobre o processo de construção de identidade pelo sujeito e pelos grupos sociais (LAGO, 1996), apoiou-me em alguns autores como Roberto Cardoso de Oliveira, antropólogo brasileiro. Em seu trabalho *Identidade, etnia e estrutura social* (1976), Cardoso dialoga com Erik Erikson (1972), destacando-o como o autor que percebeu a relação entre identidade e valor em seus estudos sobre a confusão individual e a ordem social, no desenvolvimento do adolescente. Analisando as peculiaridades dos enfoques da psicanálise e da antropologia sobre identidade, com base na diferença estabelecida por Erikson entre identidade e identificação, Cardoso de Oliveira considera que esta diferenciação pode ser adequada à psicologia, que se refere ao indivíduo, mas não ao tratamento de uma identidade coletiva, cultural, como a identidade étnica, de que ele se ocupa, e que concebe como um *precipitado de identificações* com propriedades próprias, não necessariamente as mesmas encontradas nos indivíduos. Enquanto o autor considera como naturais estas diferenças entre as visões antropológica e psicológica de identidade, argumentei pela diversidade de visões psicológicas sobre o tema e pela discordância entre a concepção de Erikson e a psicanálise freudiana, citando uma frase de Renato Mezan, que coloca bem a questão: "[a identidade vem] ...do processo a que chamamos identificação. E este processo de identificação resulta na constituição, dentro de cada um de nós, de um eu, isto é, de uma parte nossa que vai nos parecer a única, pois é apenas dela que temos consciência" (MEZAN, 1987, p. 45).

Na continuidade, ressaltou o fato de que a classificação das identidades em pessoal/social, individual/cultural, da forma como tem sido feita por muitos teóricos, só marca a oposição indivíduo/sociedade, colocando o primeiro num limbo fora da cultura que o torna ininteligível, híbrido. Chamava a atenção para as semelhanças dos processos de construção de identidades pessoais, pelos sujeitos, e identidades culturais, pelos

grupos sociais: ambas se construindo no campo social, nas relações (eu/outro - sujeito; nós/outros - grupos), ambas resultando de relações *contrastivas* e de *identificação* entre eu, nós, outro(s). Identidades culturais e de sujeitos particulares, concebidas como *representações*, do "eu", do "nós".

Em texto de 1999, retomando a discussão sobre identidade, procurei responder à confusão feita por alguns autores, entre a fragmentação de identidades culturais, como marca da pós-modernidade, e a fragmentação do sujeito, em variadas identidades pessoais (o termo identidade empregado aqui, conforme ressaltai, como substituto do conceito de papéis sociais – a cada função do sujeito, na fragmentação da pós-modernidade, correspondendo uma identidade diferenciada...).

Ressaltando o fato de não ser identidade um conceito psicanalítico, já que a psicanálise tem se ocupado tradicionalmente em teorizar os processos (inconscientes) de identificação, retomei referenciais de Lacan para repensar a questão:

Identidade deve ser referida (...) ao registro do Imaginário, que Lacan desenvolve nos textos sobre o Estádio do Espelho ligado ao eu, à questão da imagem corporal e ao Outro. A criança ainda imatura, que só percebe partes fragmentárias do seu corpo, antecipa, pela imagem de seu reflexo no espelho, um corpo inteiro, uma imagem completa, que ela atribui a outro (outrem). Esta imagem, no entanto, é significada pelo Outro, confirmada, como sendo (d)ela própria – eu. (LAGO, 1999, p. 122-123)

A identidade é, assim, uma construção imaginária. É vista como a representação consciente do eu, construída nas relações de contraste e identificação aos outros "... é a ficção do Imaginário através da qual o sujeito se representa como eu [a parte consciente do ego], procurando dar unidade e coerência a esta representação" (ibid., p. 123).

Buscando dar conta das contradições do sujeito (dividido em instâncias psíquicas inconscientes e mais conscientes), organizando-as numa história de vida coerente e unitária, a identidade (que é identidade étnica, de gênero, de classe), este processo de construção imaginária em permanente dinâmica de significação, desautoriza justamente a concepção de um sujeito fragmentado em múltiplas identidades.

Assim, se podemos pensar como similares os processos de construção de identidades culturais, pelos grupos, e identidades pessoais, pelos sujeitos, ambas elaboradas no contraste e na identificação aos outros, não podemos considerar somente a primeira como social.

Não se constituem sujeitos, não se constroem subjetividades, fora da cultura, fora da linguagem. Não se constroem identidades fora das relações. Identidades marcadas pelas posições de classe, gênero, etnia, gerações, nacionalidades, etc. do sujeito falante.

## NOTAS

<sup>1</sup> O projeto fundador da psicologia científica, destacando com Abib (1993) as figuras de Wilhelm Wundt e William James, foi desde o início um projeto unitário que, no entanto, não se realizou. Seria mais adequado falar em psicologias.

<sup>2</sup> A introspecção foi valorizada por Wundt (e seus discípulos) como inerente ao exercício da observação, componente fundamental dos métodos experimentais desenvolvidos no Laboratório de Leipzig, para a pesquisa psicológica dos fenômenos sensoriais e perceptivos.

<sup>3</sup> Marcel Mauss relata o percurso histórico da categoria de pessoa, utilizada tradicionalmente na antropologia "de uma simples mascarada à máscara, de uma personagem a uma pessoa" (1974, p.241) investida de um nome, de uma unidade individual, de consciência moral.

<sup>4</sup> No G.T. sobre Sujeito e Identidade, no Seminário Internacional Fazendo Gênero 4 (2000), uma palestrante discorria sobre o movimento, entre alguns teóricos da psicologia, para a recuperação do conceito de pessoa como substituto da concepção de indivíduo. Na reunião da Associação Brasileira de Antropologia, realizada em Brasília no mesmo ano, um G.T. se propunha a refletir sobre a categoria de pessoa, em face da emergência do sujeito na complexidade das fragmentações que marcam as cenas culturais modernas.

<sup>5</sup> Lacan distingue, no campo psicanalítico, três registros psíquicos: o Simbólico, o Imaginário e o Real. "O Simbólico designa a ordem de fenômenos de que se ocupa a psicanálise enquanto estão estruturados como uma linguagem" (Laplanche e Pontalis, 1971). O Imaginário "se caracteriza pelo predomínio da relação com a imagem do semelhante" (Idem, pág. 197). "Associado ao real e ao simbólico (...) o imaginário se define (...) como lugar do eu por excelência..." (Roudinesco, 1998: 371) O Real é "empregado para designar uma realidade fenomênica que é imanente à representação e impossível de simbolizar" (idem, pág 644-45).

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- ABIB, José Antônio D. A ciência é ciência? O que é ciência? In: *Psicologia: teoria e pesquisa*. Brasília, v. 9, n. 3, p. 451-464, 1993.
- FINK, Bruce. *O sujeito lacaniano: entre a linguagem e o gozo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- FOUCAULT, Michel. *As palavras e as coisas*. 8 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- FREUD, Sigmund. *O mal-estar na civilização*. (1930[1929]). ESBOPC de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1976.
- \_\_\_\_\_. *O ego e o id*. (1923). ESBOPC de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1976.
- LACAN, Jacques. A tópica do imaginário. In: *O seminário. Os escritos técnicos de Freud*. Livro 1. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1993. p. 89-106.
- \_\_\_\_\_. Função e campo da palavra e da linguagem em psicanálise. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- LAGO, Mara Coelho de Souza. Identidade: a fragmentação do conceito. In: SILVA, A. B., LAGO, M. C. S., RAMOS, T. R. O. (orgs.). *Falas de gênero*. Florianópolis: Mulheres, 1999. p. 119-129.
- \_\_\_\_\_. *Modos de vida e identidade: sujeitos no processo de urbanização da Ilha de Santa Catarina*. Florianópolis: EDUFSC, 1996.
- LAPLANCHE, Jean & PONTALIS, Jean-Baptiste. *Dicionário de Psicoanálise*. Barcelona: Editorial Labor, 1971.
- OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. *Identidade, etnia e estrutura social*. São Paulo: Biblioteca Pioneira de Ciências Sociais, 1976.
- MAUSS, Marcel. Uma categoria do espírito humano: a noção de pessoa, a noção do 'eu'. In: MAUSS, M. *Sociologia e antropologia*. São Paulo: EPU, 1974.
- MEZAN, Renato. *Psicanálise, judaísmo: ressonâncias*. Campinas: Escuta, 1987.
- NASIO, Juan David. *Lições sobre os 7 conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1991.

- RIAVIZ, Vanessa Nahas. *Alienação e separação: a dupla causação do sujeito*. Florianópolis, 1998. Dissertação (Mestrado em Psicologia) UFSC.
- \_\_\_\_\_. Sujeito e Gozo na pós modernidade. In: *Psicanálise*. Jornal da Delegação Geral SC da Escola Brasileira de Psicanálise. Florianópolis, v. 3, maio, 2000.
- ROUDINESCO, Elisabeth e PLON, Michel. *Dicionário de Psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

